Meu voto

Simon Schwartzman

(15 de setembro de 2002)

Para quem se interesse em saber, vou votar em Serra para Presidente, e em Benedita para governadora do Rio de Janeiro. Para quem quiser saber mais, explico.

O voto em Serra é, em boa parte, um voto por exclusão. Lula está fazendo uma bela campanha, com vinhetas comoventes sobre o sofrimento da população, e prometendo uma nova era na política brasileira. Existem, no entanto, dois Lulas. O Lula lite apóia o acordo com o FMI, se opõe o plebiscito contra Alca, e promete conter o MST. Ele faz aliança com empresários, e recebe apoio de Quércia, Itamar Franco e José Sarney. Realismo político, poderão dizer, igual ao dos demais candidatos, e de Fernando Henrique Cardoso, não é possível governar sem alianças.... De fato, mas, aonde está o Lula que ia inaugurar uma nova era na política brasileira, aonde este tipo de pacto político ia desaparecer? O outro Lula (não sei se chamaria de "heavy") é o candidato nacionalista e das corporações. Ele quer que o Brasil se retire do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, vai entregar os órgãos públicos ao controle de seus funcionários, e acabar com o Exame Nacional de Cursos das universidades, o famoso "provão". Ele também vai diluir os recursos do FUNDEF, hoje concentrados para melhorar a educação fundamental de 8 anos, no FUNDEB, que vai incluir também o ensino médio. Não, dirão os Lulistas, ele vai aumentar os recursos para todos! E aí está, na realidade, o problema fundamental. Entre os dois personagens, temo que Lula acabe tendendo para o segundo, que tem saudades de Vargas e dos militares, e faz política nas assembléias sindicais e estudantis. Lula não fala mais de moratória, rompimento de contratos, nem emissão irresponsável de dinheiro, mas continua supondo que vai conseguir aumentar os gastos públicos logo no início, sem provocar uma grande crise de confiança diante da qual as que tivemos até hoje são brincadeira. Se ele ganhar as eleições, tomara que eu esteja

errado.

É difícil falar de Ciro como candidato, porque ele não tem uma cara definida, a não ser ser "do contra", o que o torna comparável– ainda que muito injustamente, do ponto de vista pessoal – com Collor. É difícil saber se seu programa de governo será o de Mangabeira ou o de Scheinkman, e muitas de suas propostas – na área tributária, na área da previdência, e outras – revelam desconhecimento dos temas, segundo os especialistas. A proposta política, de recorrer a plebiscitos e propor a dissolução do Congresso em casos de impasse político, tem o mérito de reintroduzir os temas da reforma política que ficaram fora a agenda depois da derrota do parlamentarismo; mas têm também um forte cheiro de "fujimorismo", e acabaram sendo deixadas de lado pelo candidato, em sua campanha. Ciro começou tentando ser uma alternativa a Lula, pela esquerda, com o apoio do antigo Partido Comunista, e está terminando em uma triste aliança do velho PFL, do antiquíssimo populismo brizolista, e no novo petebismo collorido de Martinez. "Realismo político", como os demais? Talvez, mas com o agravante que ele não tem um centro de gravidade próprio, que sirva como ponto de referência, apesar de alguns nomes respeitáveis que o acompanham, como Walfrido Mares Guia e Roberto Freire.

Como Garotinho não é sério, resta Serra. Vejo em Serra dois méritos importantes. Primeiro, o reconhecimento do legado do governo Fernando Henrique Cardoso, que os demais candidatos insistem em dizer que não existe. Defender o governo não é fácil, em tempos de ser contra "tudo isto que está aí", e Serra não tem levantado muito esta bandeira. Mas sua candidatura é claramente solidária com as grandes conquistas do governo Fernando Henrique – a estabilização da economia, o início das reformas institucionais, a responsabilidade fiscal, a preocupação de abrir caminho para uma política social mais efetiva. O segundo mérito é que ele é, por personalidade, um trabalhador mais obsecado e determinado do que Fernando Henrique, que tende para posturas mais conciliadoras e acomodadas. O país precisa de um presidente que não seja apenas um magistrado, mas um executivo, e creio que Serra tem esta característica, sem a

incerteza e indefinição de Ciro, e sem as óbvias debilidades de Lula, do ponto de vista do entendimento das questões fundamentais da administração pública e da economia. Serra tem sido criticado por propor uma política industrial concentradora, de não ter tentado equacionar os problemas de longo prazo da área de saúde, e de adotar um estilo de política muito personalizado e excludente. Tudo isto pode ser verdade, mas ainda acho que, se ele chegar à Presidência, ele tem muita chance de dar certo.

No estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva tem feito o possível e o impossível para administrar um Estado em frangalhos, dilapidado e corrompido pelo governo irresponsável e demagógico de Garotinho e pelos que o antecederam. Ela está perdendo a campanha de opinião pública, e terá meu voto, sobretudo, pela integridade e comprometimento com o interesse público que tem sabido demonstrar.